

Entre Portas

ANTOLOGIA DE CONTOS



ara
EDITORA



Entre Portas

Antologia de Contos

E S C R I T O R E S B R A S I L E I R O S
C O N T E M P O R Â N E O S

ARA EDITORA

Entre Portas - Antologia de Contos

Copyright © 2026 por Ara Editora

Todos os direitos reservados. Os direitos autorais e a titularidade das obras e dos textos publicados permanecem pertencentes aos seus respectivos autores, que mantêm a responsabilidade e a autonomia sobre suas criações, incluindo a possibilidade de divulgá-las, compartilhá-las e publicá-las por outros meios. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, distribuída ou transmitida, sob quaisquer formas ou meios, sem prévia autorização por escrito de seus respectivos autores. As opiniões expressas nesta obra são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião ou o posicionamento da ARA EDITORA Ltda.

ARA EDITORA.

Rua 28 de Dezembro, S/N, Baixa da Ema
Piracuruca / PI, 64240-000 – Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

José de Sousa Magalhães
Josimara de Sousa Rodrigues
(organizadores)

Entre Portas : antologia de contos / organização de José de Sousa Magalhães e Josimara de Sousa Rodrigues. – 1. ed. – Piracuruca : ARA Editora, 2026.

50 p. ; 21 cm.

ISBN digital: 978-65-978920-1-3

1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira – Antologias.

I. Magalhães, José de Sousa. II. Rodrigues, Josimara de Sousa. III. Título.

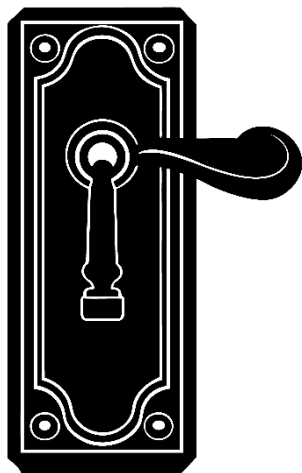
CDD: 869.935



Há portas que se abrem com pressa e outras que pedem a mão no fecho por um tempo longo demais. Entre elas cabem partidas sem bilhete, retornos sem certeza, casas que mudam de dono dentro da gente. Nem todo limiar é madeira e dobradiça: às vezes é um silêncio na cozinha, uma mala no corredor, a coragem pequena de atravessar o que ainda dói. Entre Portas reúne histórias de quem cruza — e de quem, ao cruzar, descobre que o outro lado também é começo.

Sumário

O Fim do Fogo	9
Meu armário — Visto-me de mim	15
Análise.....	19
Arquitetura da Substituição	23
Última noite na garagem.....	31
No tempo da espera.....	35
A porta do fundo	39
Começa com uma coceira	43
Caia, levante e tente outra vez.....	47



O Fim do Fogo

Alfredo Soares Martins (Alfredo Martins)

Os olhos de Iblis há muito já não tem o mesmo brilho. O vermelho alaranjado da aurora dos tempos, há muito não é visto. Desde a queda; desde o ha-raam. Desde que ousou alterar a criação de Allah, o misericordioso. Mas nem toda misericórdia foi suficiente para perdoar este pecado. Um minúsculo ponto de terra na fronteira entre onde hoje fica o Marrocos e a Argélia. Terra onde havia água. Plantas onde havia areia.

Os olhos de Iblis há muito já não tem o mesmo brilho. O laranja do primeiro encontro com os homens, há muito não é visto. Todo ato tem uma consequência, seja ela boa ou má. E o coração de Iblis já não encontrava motivos para ser bom. Refestelou-se na imperfeição dos homens e os homens faziam valer cada dor e cada submissão para terem o que desejavam.

Os olhos de Iblis há muito não tem o mesmo brilho. O amarelo alaranjado já era o máximo que se via quando a luxúria não mais abafava o grito de seus irmãos (pois todos caíram e gritaram). Finalmente percebera que o fogo dentro de si já não ardia como antes. E pela primeira vez perguntou-se "Ainda me castigas?"

Os olhos de Iblis há muito não tem o mesmo brilho. O amarelo que assemelha-se a uma vela e não mais do que isso, não realiza desejos; mal conseguem guardar lembranças e segredos. O rosto de Alah é apenas um borrão de luz. Seu próprio nome soa-lhe como o nome de outra pessoa e fala de Iblis como alguém que fala daquele vizinho de trinta anos atrás, com quem esbarrava duas ou três vezes no ano.

Os olhos de Iblis há muito não tem o mesmo brilho. O branco amarelado, quase os olhos de uma escultura de mármore, por um instante lembraram-se da velha chama, da face do misericordioso, dos anos em Bagdá e de quando trocava amor por nomes para as estrelas. Foi nesse momento que o djinn Iblis resolveu contar sua história. Pois muito pior do que cair, muito pior do que o fogo nada queimar, é ser esquecido.

No mundo de hoje, um mundo onde o fogo dos homens destrói uma cidade e deixa apenas sombras em paredes, um mundo onde homens voam mesmo sem terem asas, quando você precisa contar uma história, você chama um homem especialista em palavras, caçadores de histórias; um jornalista.

Assim Iblis o fez... E mais uma vez realizou um desejo. Uma última vez.

De longe ela já pode ser vista, a vendedora de flores. Seu nome é Aiyra Zahra, mas Ferdinand Tié ainda não sabe disso. Assim como não sabe que ela é filha de Ibn Rafah Zahra, um bem sucedido comerciante, morto durante um protesto há pouco mais de quatro anos. Tudo o que ele sabe é que aquela vendedora de flores é a mulher mais linda que já vira em seus 27 anos.

Por diversas vezes planejara um sorriso e um aceno de bom dia. Também planejara o ritmo ideal das pedaladas da sua velha Peugeot. Três segundos. Não poderia ser muito rápido, onde ela mal o visse, nem muito devagar, onde ela percebesse o abismo em que ele se encontrava. Mas para cada plano havia um sol nos olhos, uma poeira muito alta, crianças correndo, etc. Ao menos, assim sua mente sempre o convenceu.

Era 27 de julho, seu aniversário. Comprara os óculos de um piloto da guerra; uma pechincha. Não mais areia nos olhos. Tié poderia fazer um caminho diferente, conforme foi instruído no mercado. Mas o caminho mais curto não tinha flores e jamais em seu aniversário. O presente que decidiu dar a si mesmo era a retribuição de olhar e aceno.

Mas algum Deus, tenha sido o dele ou o dela - ainda que fosse o mesmo - decidiu que naquele 27 de julho a filha de Ibn Rafah Zahra estivesse ocupada atendendo uma casal. Ferdinand soltou um grito de frustração. E isso fez com que todos por perto olhassem para ele. Inclusive a florista.

Ele já havia passado por ela; ainda assim olhou para trás. Teria o grito também chamado a atenção dela?

Sim. E pela primeira vez Ferdinand Tié cruzou um olhar com Aiyra Zahra. Feliz aniversário, Tié.

A distância até a pequena morada do djinn não era algo que percorria-se rapidamente. No caminho, repassava mentalmente as histórias que ouvira nas outras seis visitas que fizera. Anotara tudo num caderno volumoso e com capa de couro de búfalo. Dentro ele guardava uma foto do velho djinn; a única que ele permitiu tirar. "Em duas ou três fotografias, nada terá de mim além do que já tem em uma fotografia." Tié mostrou a foto para Iblis depois de revelá-la. O djinn a segurou com as mãos e olhou-a com atenção antes de devolvê-la. Desde então, a foto nunca mais perdeu o cheiro de patchuli.

Ferdinand Tié, em meio às pedaladas, lembrara da história da viúva de Fez, que tinha certeza que as filhas gêmeas do seu finado marido planejavam a sua morte. Seu desejo era estar todas as noites nos sonhos das gêmeas para poder vigiá-las. Em troca, Iblis ficou com os dois escravos mais jovens e vigorosos que a mulher possuía. A viúva estava certa, pois, no quinto sonho que invadira, uma das gêmeas a segurava pelos braços e a outra a esfaqueava. A viúva nunca mais acordou.

Ouviu da boca do próprio djinn que este apaixonou-se e casou-se em algum momento do século XIV. Não tiveram filhos; não podiam ter... Iblis não podia ter. Não sabia disso até então. Nunca antes tinha se apaixonado, nunca antes

tentara ter filhos. Teria nascido assim ou seria parte do castigo? Sua esposa morreu vítima da peste negra sem saber que o problema não era ela. Não, ele nunca contou. Era filha única e sua morte foi o fim da semente do seu pai.

Ferdinand divagou sobre detalhes que a mente do djinn não conseguem mais guardar sobre a única viagem que fizera à Inglaterra, no século XIX. Nessa visita às terras da rainha Victoria, conheceu Rose Maller, uma farsa como quiromante. Mas a melhor cartomante que teve a oportunidade de conhecer. Iblis contou que ela não gostava de usar o seu baralho. Via muito mais do que desejava ver.

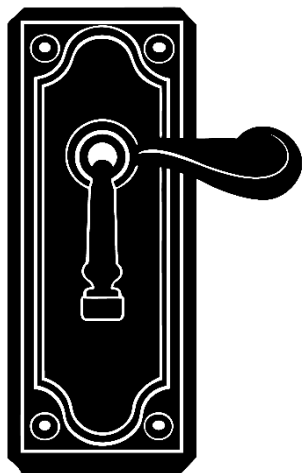
Era consultada toda semana por um mesmo cliente... Um primo ou sobrinho da rainha - um dos detalhes que perderam-se com o tempo - que ambicionava ser rei.

Quando Tié chegou na pequena morada de Iblis, percebeu algo diferente. A porta estava aberta. A porta sempre estava fechada. Bateu duas vezes com os nós dos dedos e entrou chamando. "Rabiy?" Não podia sentir cheiro algum. Sempre havia um leve e adocicado cheiro no ar. Iblis estava sentado, numa poltrona marrom e dourada, esperando por ele. O velho djinn nunca esperava sentado; estava sempre deitado. O ambiente não recebia muita luz naquela hora do dia e uma sombra cobria Iblis. Parecia estar dormindo. Suas pálpebras estavam... Fechadas?

Os olhos de Iblis há muito já não tem o mesmo brilho. O preto sepulcro assumiu o lugar onde, um dia, já tivemos chamas que traziam um pequeno Sol à noite. Tié tocou suas mãos. Estavam frias, mas não frias como um homem mor-

to. Frias como a areia do deserto no meio da madrugada. Histórias esquecidas e incompletas; não era muito o que Ferdinand Tié tinha em seu caderno. Planejava um livro. Tinha, no máximo, um artigo. Escolhendo bem as palavras, conseguiria meia página.

Antes de fazer o caminho de volta, Tié colocou o corpo daquele que um dia foi o maior de todos os djinns, em sua cama. Embrulhou-o com os mesmos lençóis brancos que cobriam o leito e fez uma oração. Não sabia nenhuma oração do Alcorão, então, precisou improvisar. No retorno a Figuig, Ferdinand fez uma pausa para comprar uma rosa, declarar seu amor e deixar a vendedora cheia de perguntas. Em seu quarto, sentado em sua cama, anotara aquele que seria o título de seu artigo... O fim do fogo.



Meu armário — Visto-me de mim

*Antonio Carlos Rodrigues Marques (Cis-
terna de Luzes)*

Minhas roupas lá estavam e lá muito bem se postavam.

Seus sapatos descalçados parecia que estavam muito desconsolados.

Gravatas pretas dos dias de finados, finavam-se por sair e consentir.

Quererão ser lenços de abanos e de abandonados. . . Pobres coitados, momentos do último adeus, de minha melhor gaveta de belas borboletas.

Roupas de verão, dos tempos das modas verdadeiras.

Roupão ou roupões dos meus tempos de lágrimas dos gelos do sul dos meus domínios. . . Onde moro, onde vivo, onde me canto sofrer, padecer, oras, rezas, enamoro-me do tudo e do nada, nesta minha íntima calçada. . .

Mas, voltando ao que interessa, a esta íntima conversa, minhas roupas, meus roupões, meus bidês e meus galopes de outono, internos estavam e ficavam...com saudades de mim!

Gavetas ocupadas queriam ser desocupadas.

Crisálidas em borboletas já transformadas. . . promessas de espera e de esperança.

Voanças querem ser e passearem e me passearem de novo, fato novo, roupa antiga, vestidos, camisas, espíritos deles, conversas delas. . .fofoqueiras de outras caminhadas e de antigos andares.

Será que ele virá? Que nos pegará? Quem será a escolhida, a preferida?

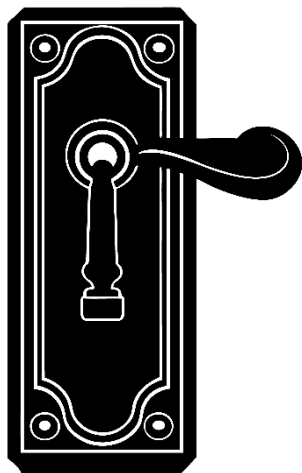
Sussurros de sapatos abaixo na calçadeira, lembranças de antigas festanças, de canchas de futebol. . . arrebol de pulseira da companheira, ao lado, no mesmo armário, seriam a porfia dos que desconfiam e que desconfiavam, que o amante ao lado, saíra e os procuraria, de novo, suas vestes, seus sapatos, suas roupas, seus calções, suas camisas e até suas pequenas camisetas.

Armário fechado, embutido, choroso, esperoso. . . Espera de confiança, de amanhã daquele palhaço de pano. . . Do uso, de novo, daquela roupa de palhaço ou “smoking” do melhor aço... Da têmpera do caráter, de embuste, do disfarce. . .

Até que, num dia de claraboias abertas, a luz de abertura foi o fim para aquele mergulho de sepultura:

- O seu dono, o nosso dono, de pano, para nós, chegou com altiva voz:

- Vocês, de novo, peguem-me, vistam-se de mim, assim, assim mesmo, como quiserem e como melhor vos convém. .
. A tudo digam amém, porque hoje é o meu dia de formatura. . .
Formei-me da vida, formei-me de mim, enfurnei-me em meu entorno superior naquele canteiro do desterro, onde terão lembranças de mim. . . Enterrados alguns serão, outros no armário ficarão. . . Será que me chorarão?



Análise

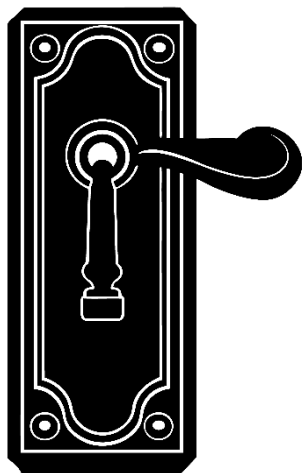
Bruno Roberto Padovano (B.R.Padovano)

[A catedral tem várias portas, mas duas se destacam: a da frente, por onde entram e saem os fiéis, e a de trás, por onde fazem o mesmo os padres e, às vezes, o bispo. Quando chegam os mascarados, tanto fiéis e padres saem pela porta do fundo, apenas para descobrir que ela estava trancada por fora. Em um momento de desespero, gritam para que seja aberta. Do lado de fora não há ninguém para ajudar, apenas brechas no piso do asfalto, três bailarinas narcisistas e eu. Complexidades à parte, me sinto desprovido da capacidade, sobre-humana, de enfrentar os mascarados, que me inspiram terror. Preciso reagir. Escondo-me com as bailarinas no fundo de um espaçoso baú, cheio de bagulhos que também entram e saem pelas portas daquele templo de marfim. Piso em falso, caio e me recolho como um coelho caçado, pobre inocente. Difusas, luzes se apagam. Uma permanece, solitária. Sou eu, talvez, aquela derradeira luz? Lamparinas piscam, agora sou eu adentrando a grande igreja em busca de um conforto, entre os mascarados. “Salve!” ousou dizer, enquanto apago as ve-

las que choram diante de obras de pintores anônimos. Min-to, há um Verrocchio ali, um Dali fluindo de passagem, um Portinari inspirado. Um melhor do que o outro, os admiro. Eternos. Eles levantam-me. Uma outra porta se abre aos meus sentidos, dividida entre o ser e o não ser. Vida e morte, o eterno dilema. Abraço um dos bandidos, tiro-lhe o capuz. O rosto distorcido de meu pai emerge, herege do amor entre familiares, pouco sensível a temas religiosos. No entanto, o mais próximo de Deus que (re)conheço. Retiro meus sentimentos, me curvo, a penitência me traz sossego. A porta torna-se infinita e eu navego pelo espaço dos sentimentos. Sou apenas um cristão, pondero. Saltitando, me encaminho de volta ao meu abrigo e às bailarinas, que agora estão despidas. Um cachorro late enquanto dirijo minha mente aos espetáculos de rua. Gostaria de estar lá, ser um palhaço naquela família. A porta da carruagem do circo se abre e me convida. Oferecem-me roupas multicoloridas, um colar que brilha no escuro, uma lembrança de quando era criança. E uma bola vermelha para colocar no nariz. Divertido, viu? Olho-me no espelho e me considero preparado para qualquer coisa, desde alegrar as velhinhas até enfrentar os mascarados. Um padre amoroso faz-se de amigo e me estreita o pulso, lampião do tempo. Cientistas riem nos terraços, plantas se curvam, curiosas. Danço naquela praça que era vazia, e vejo um exército de bailarinas com seus guarda-chuvas psicodélicos. “Aleluia!” berro, ri-sou, no microfone. Fogos de artifício, a noite chegou, surpreendente. As portas dos edifícios se abrem e não estamos mais sozinhos. Uma armada de encapuzados, monges, mortos ou outros, se espalha naquele território onírico

e eu danço o twist, junto com outros cabeludos. A banda lembra os Rolling Stones, antes da sua aposentadoria, perfeita. Alguém pisa no meu pé, dói. Os encapuzados enfrentam os mascarados, tudo normal. Algumas explosões apenas, a sorte reina naquele cantinho. Por via das dúvidas, corro ladeira acima até abraçar um poste de rua, pichado. “Porque pichar, o que ele fez, coitado?” inquirio, tristonho. Os encapuzados vencem a batalha e, agora, estão me procurando. Lanço um grito: “Sabia!” Um portão se abre e estou diante um jardim luminoso, encantado. Estátuas de ninfas me acolhem num espaço minimalista, sofisticado. Nado numa piscina esmeralda e transparente, pequenos peixes me acompanham e a filha de Netuno mostra seu rabo de peixe, cantando em francês. Passo pela porta da nau que me espera, onde escritores dos mares misteriosos me observam: Hemingway, Amado, Saramago. Sinto-me dono do universo, o vento me infla o ego e acaricia as bochechas, avermelhadas. Sou mais uma criança a caminho do Novo Mundo, e uma pequena porta, do tamanho de um bebê, abre-se sobre o futuro...]

“Está bem assim, doutor? Espero não ter esquecido nada. Um sonho e tanto, né?”



Arquitetura da Substituição

Débora Camila Brasil (Bruxa do Campo)

Ninguém sabia exatamente o que acontecia depois daquela porta.

Apenas que ninguém saía carregando a mesma versão de si.

O edifício parecia novo demais para ser confiável.

Linhas retas.

Luz fria.

Uma recepção sem ruído.

Tudo nele sugeria ordem. Havia, porém, falhas sutis nessa ordem, como se o próprio espaço deixasse de obedecer à sua geometria.

Corredores que se estendiam um segundo a mais do que deveriam.

Portas que hesitavam antes de existir.

Ela percebeu isso ainda no saguão.

O elevador subiu sem vibração. Ainda assim, algo nela chegou diferente ao sétimo andar. Não era vertigem. Era ajuste, como se cada andar retirassem uma versão discreta de quem ela havia sido minutos antes.

No sétimo piso, recebeu a chave.

— Seu quarto — disse o funcionário, sem inflexão.

O metal parecia mudar de peso na mão.

O número mudava conforme a luz:

208.

209.

210.

Até fixar, decidindo entre colaborar ou não.

O corredor não era exatamente torto, mas também não era confiável.

As portas não estavam fora de lugar. Era o próprio lugar que havia sido deslocado entre elas.

Algumas próximas demais para o espaço que ocupavam. Outras afastadas, recusando continuidade.

Ela encontrou o quarto e a porta abriu sem resistência, como se já estivesse aberta antes de ela decidir entrar.

Por dentro, tudo era comum demais.

Isso foi o que a inquietou.

Nada no quarto pedia atenção.

Nenhum excesso. Nenhuma falha visível. Apenas a precisão silenciosa de algo que observa sem precisar se mover.

Ela deixou a mala ao lado da cama e se sentou.

O colchão demorou a aceitar o peso, confirmando quem ela era antes de sustentá-la.

Antes de apagar a luz, abriu a bolsa e retirou uma fotografia antiga. Nela, uma mulher sorria com a mão apoiada em seu ombro. Havia naquela imagem uma intimidade que ela reconhecia antes de compreender.

Por um instante, quase lembrou o som daquela voz chamando seu nome. A lembrança veio incompleta, como uma palavra vista através de um vidro embaçado, e desapareceu antes que pudesse alcançá-la.

Não olhou por muito tempo. Bastou conferir que os dois rostos continuavam no mesmo lugar e guardá-la novamente entre as páginas do livro que sempre levava consigo.

Era um gesto repetido em cada viagem. Menos para lembrar daquela mulher do que para confirmar que ainda era a pessoa que a carregava.

Despertou com a sensação de que algo havia sido reorganizado dentro do próprio nome.

No banheiro, o espelho não devolvia atraso. Devolvia aprendizado.

A imagem estava quase certa, mas ainda não completamente decidida sobre ela.

Levantou a mão. O reflexo hesitou um instante antes de obedecer.

Na segunda noite, a hesitação diminuiu.

Na terceira, desapareceu.

O reflexo já não a seguia.

Antecipava. Às vezes, corrigia.

No quarto dia, havia um bilhete sob a porta.

Sem assinatura:

“Alguns quartos não hospedam pessoas. Apenas versões provisórias.”

Ela amassou o papel sem reler.

Quando voltou ao espelho, entendeu que já havia perdido algo que não sabia nomear com precisão: o direito de coincidência consigo mesma.

O reflexo não imitava mais. Testava a forma mais estável dela.

Na recepção, perguntou se podia trocar de quarto.

O funcionário não desviou o olhar do sistema.

— Qual é o problema?

Ela demorou a responder.

— Não sei se ainda estou... inteira.

Silêncio breve. Técnico.

— O edifício não trabalha com perda — disse ele. —
Apenas com atualização.

— Atualização de quê?

Ele enfim levantou os olhos.

— De versão.

Naquela noite, o sono veio sem convite. Não como descanso, mas como substituição.

Ao acordar, tudo parecia exatamente onde deveria estar.

A mala permanecia ao lado da cama. Ela a abriu. As roupas eram suas, mas não eram as que havia trazido. O tecido tinha o mesmo cheiro, o mesmo desgaste, o mesmo corte. Apenas não guardava nenhuma lembrança. Não conseguiu recordar em que dia comprara aquela camisa. Nem onde. Nem por quê.

Revistou o restante da bagagem. O livro que costumava carregar continuava ali. Ao abri-lo, encontrou anotações escritas com sua letra. Não reconheceu nenhuma delas.

Abriu a bolsa às pressas, retirou a carteira.

O documento era legítimo: a fotografia mostrava seu rosto. O sorriso, porém, pertencia a alguém que ela não lembrava de ter sido.

Voltou-se para o espelho. O reflexo já estava olhando para ela.

Não sorriu, apenas esperou.

Pela manhã, tentou sair. O corredor já não conduzia para fora. Conduzia a sutis diferenças.

Em uma porta, um quadro mudava de lugar. Em outra, o carpete tinha outra cor. Mais adiante, cruzou com uma mulher usando exatamente a roupa que ela lembrava ter trazido na mala.

A mulher passou sem estranhamento.

Era ela em uma versão que não deixava margem para dúvida.

Seguiu caminhando e não olhou para trás.

Foi então que percebeu que nenhuma daquelas mulheres parecia perdida. Apenas ela.

Quando finalmente encontrou o elevador, apertou o botão do térreo. As portas se abriram. Do outro lado havia o saguão.

O sofá.

A recepção.

O funcionário.

Tudo exatamente onde a lembrança já não podia confirmar.

Ela deu um passo.

Ele sorriu pela primeira vez.

— Bem-vinda.

Ela hesitou.

— Eu já estava aqui.

Ele inclinou discretamente a cabeça.

— Não.

Olhou para a chave entre os dedos.

O número havia parado de mudar.

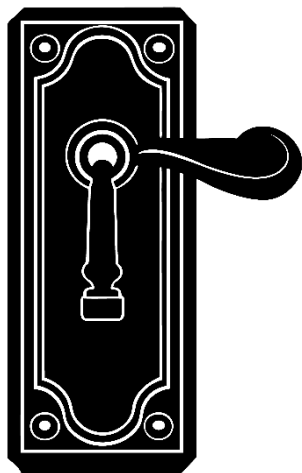
Tentou lembrar qual era o número quando chegou.

Não conseguiu.

Nem o quarto.

Nem o hotel.

Nem o próprio nome.



Última noite na garagem

*Dihny Carvalho Alves Mascarenhas (Di
Carvalho)*

Chegou à frente da casa e percebeu que as luzes já estavam acesas. As vizinhas a esperavam no portão.

- Rita, pelo amor que você tem à sua vida, não entre. Seu marido chegou e pelo visto já quebrou tudo. Se você entrar, será a sua vez – disse Joana.

- Com certeza - pensou consigo: mais um olho roxo seria difícil criar qualquer desculpa para disfarçá-lo.

Catarina interveio:

- Rita, se você quiser, pode passar a noite na minha casa.

- Obrigada, Catarina. Agradeço, na verdade, a vocês duas pela gentileza de me aguardarem aqui, por me alertarem, como sempre, dos perigos e por toda preocupação e carinho que têm comigo. Mas, eu não subirei. Passarei mais

esta noite na garagem. Lá já tenho o meu kit de sobrevivência.

As amigas se despediram, mais confortadas, pois sabiam que João, o marido violento e bebedor de Rita, não incomodaria a esposa na garagem.

Não entendiam como aquela mulher, durante tanto tempo, suportava aquele casamento.

O fato, porém, é que Rita, por inúmeras vezes tentou recuperar João. Ela acreditava e torcia para que ele abandonasse a bebida. Havia levado o marido para os alcóolicos anônimos e ele até frequentara algumas reuniões. Ao final de alguns meses, contudo, não resistiu. Acabou regressando aos bares. Rita sofria, não só porque ainda amava João e queria vê-lo bem, mas porque João também se revelava outra pessoa quando bebia. Ao chegar em casa embriagado, logo arrumava discussões destituídas de qualquer fundamento. Parecia discutir e criar caso, com ela, pelo simples prazer de perturbar sua paz, sua tranquilidade. Alterava o tom de voz. Nada estava bom. O almoço salgado demais, o jantar inosso demais, o suco doce demais. Recentemente, iniciou investidas de golpes, tapas e socos contra ela. Rita decidiu, então, que não ficaria mais na presença de João, quando ele chegasse em casa naquela situação. Como o marido, geralmente só chegava em casa à noite, já havia alguns meses que Rita passava suas noites na garagem. Lá era sua segunda casa. Tudo que precisava para uma boa noite de descanso mantinha naquele pequeno espaço: roupas limpas, toalha, água fresca, comida, colchonete, seus

melhores livros, um criado mudo, uma mesinha de centro, algumas fotos e alguns utensílios de cozinha. Na garagem existia também um pequeno banheiro e chuveiro com água quente. Assim, era possível que ficasse lá, sem gerar qualquer incômodo para as vizinhas amigas.

Aquela noite, então, seria apenas mais uma na garagem, se Rita não houvesse conseguido um emprego e um local para morar.

Após, andar, por quase um dia todo, batendo em várias portas, finalmente encontrou uma oportunidade, que mais parecia vinda do céu. Iria trabalhar, realizando serviços gerais de limpeza, no asilo da cidade. Teria um salário e também abrigo. Conversando com o diretor da instituição, ele compreendeu sua situação e ofereceu para que morasse lá, onde também poderia usufruir das refeições.

Com coragem, então, ao ingressar na garagem, lançando mão de uma pequena caixa de papelão, nela decidiu reunir apenas o que valeria a pena levar.

E o que levaria então?

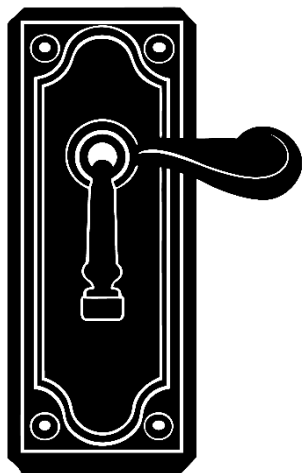
Sentada, sobre a mesinha de centro, passou horas pensando sobre isso.

O que levar de todos aqueles anos de casamento?

O que levar de todos aqueles anos de convivência com João?

De repente, deu-se conta de que não havia nada para levar.

As melhores coisas já estavam em seu coração.



No tempo da espera

Eliane de Jesus Santos (Eliane Santos)

Todo dia ela olhava pelo buraco na parede. Esperava ouvir o barulho agudo da buzina. Diante daquela fresta que se abria para o mundo lá fora, permanecia tranquila, quase sem movimento, fundindo-se à moldura da madeira descascada. Quem olhasse da rua via uma pintura antiga, desbotada e emoldurada no silêncio.

Ao redor dela, o tempo existia pela manhã, na hora do almoço e no fim de tarde.

Era a hora dos que iam para o trabalho em passos rápidos e dos risos das crianças que iam e voltavam da escola, logo engolidos pelo barulho dos motores dos carros. Sem pedir licença por aquela abertura de parede, as estações passavam. Às vezes, quando chovia forte ou o vento frio do outono e do inverno era demasiado, o buraco na parede precisava ser fechado. E esses eram dias longos; o tempo se perdia por dentro, no silêncio, e não se podia ouvir o som da buzina, nem das crianças, nem dos carros.

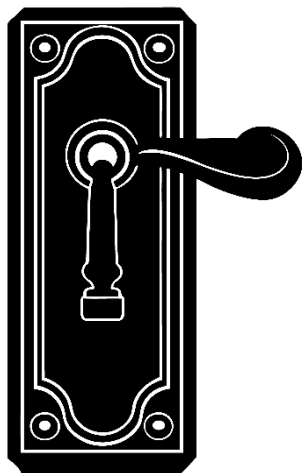
Em um dia de sol, lembranças de um tempo antigo a vieram visitar, trazendo a memória de quando as ruas ainda eram de terra. Perdida nesses pensamentos, uma borboleta entrou pelo buraco na parede e, antes de pousar, voou por todo o ambiente.

Ficou lá por um bom tempo, abrindo e fechando as asas coloridas e frágeis devagar, descansando do próprio cansaço. As borboletas iam e vinham. Ela olhava e pensava como deveria ser bom voar, alcançar o céu, sentir a brisa. Era meio da tarde quando o som da buzina cortou o ar. Levantou-se devagar, caminhou até a janela, acenou e esperou. Era o som do padeiro. Ele já a conhecia e sabia que o portão estava aberto. O homem entrou e lhe entregou um embrulho de papel pardo.

Dentro, continha um doce de padaria, um sonho feito de açúcar. Ele sorriu e retornou, pois precisava trabalhar. Todas as vezes ela o acompanhava com o olhar, sabendo que ele ainda tinha outros encontros breves, todos embrulhados em papel pardo.

Ela voltou para a janela. O sol começava a se esconder e tudo ao redor parecia se transformar rápido demais. Percebia o mundo lá fora com todo seu som, ora silêncio ora barulhento, ora devagar ora veloz. Mas, através de sua janela, ela guardava o seu próprio tempo, um lugar onde conseguia sentir a luz do sol mudando de lugar através do voo da borboleta e do contorno do jardim.

Sentou-se na cadeira. Quando a noite finalmente caiu e as luzes da rua se acenderam, deixou uma fresta da janela aberta, permitindo que o vento da noite entrasse. E com ele veio o cheiro da chuva e um som distante, que ela não conseguia identificar.



A porta do fundo

José de Sousa Magalhães

A porta do fundo da casa nunca foi a principal. Ficava atrás da cozinha, entre o tanque e o pé de acerola, e só se abria quando alguém precisava de algo que a frente da vida não resolvia: varrer folhas, conversar com o quintal, escapar de uma discussão sem parecer fuga.

Naquela tarde de setembro, Esther encontrou a chave ainda no buraco. Estranhou. A mãe costumava tirá-la depois das seis, como se o dia, ao escurecer, pedisse fechadura. Empurrou. A madeira rangeu do jeito antigo, e o ar do quintal entrou primeiro — cheiro de terra molhada, sabão de coco, um resto de chuva que não tinha caído ali.

Do outro lado, o quintal parecia o mesmo. Mas o varal estava vazio e a cadeira de balanço, que a avó usara até o último verão, estava virada para a cerca, como se alguém tivesse saído e esquecido de se despedir direito.

Esther não chamou. Aprendera cedo que certas passagens pedem silêncio. Caminhou até o muro baixo e viu, no

terreno vizinho, a luz amarela da casa que antes pertencia aos Correia. Agora morava um casal novo, de fala mansa e roupa de cidade. A mulher, de pé na janela, ergueu a mão num cumprimento curto. Esther ergueu a dela.

Voltou. No umbral, hesitou. Entrar era fácil. O difícil era admitir que, ao atravessar aquela porta, algo nela também atravessava: o luto que não gritava, a casa grande demais, a certeza de que a mãe, no hospital, talvez não voltasse a girar aquela chave.

Na cozinha, pôs água para o café. Escutou o bule como quem escuta um relógio. Quando a porta do fundo bateu com o vento, não correu para fechá-la. Deixou entreaberta. Não por descuido — por escolha.

À noite, a enfermeira ligou. A mãe tinha pedido água, depois o nome dela, depois silêncio. Esther disse que ia. Antes de sair pela frente, passou de novo pelo fundo. A porta ainda aberta. O quintal escuro. A cadeira no lugar.

Trancou, desta vez. Não como quem enterra, mas como quem guarda. Algumas portas se fecham para que outras, amanhã, possam abrir sem medo.

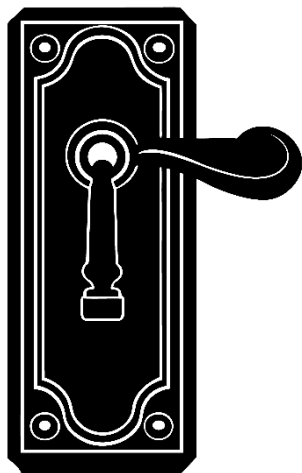
No corredor, pegou a bolsa e olhou o fecho da entrada principal. Hesitou só um segundo. Então girou a maçaneta e saiu — não fugindo da casa, atravessando-a.

No taxi até o hospital, Esther pensou nas portas da infância: a do quarto que a mãe fechava na hora da bronca; a da igreja que rangia mais alto nas missas de finados; a do armário onde escondia bilhetes. Nenhuma delas, porém,

ensinara tanto quanto aquela do fundo — estreita, sem verniz, quase humilde — sobre o que se deixa para trás e o que se leva no bolso.

Na recepção, disseram o número do quarto. O corredor cheirava a álcool e café frio. Esther parou diante da porta branca, a mão no ferro frio da maçaneta, e compreendeu de novo o tema daquela tarde: atravessar não é só entrar. É aceitar que, do outro lado, a gente quase nunca é a mesma.

Empurrou. A mãe dormia com a boca entreaberta, a mão sobre o lençol como quem ainda segura uma chave. Esther sentou, sem barulho. Do lado de fora, um carrinho passou. Do lado de dentro, o tempo fez o que as boas portas fazem: cedeu, sem alarde, para o que precisava acontecer.



Começa com uma coceira

Juã Machado de Lemos

De repente você acorda no meio da madrugada com uma coceira pungente. É estranho, repentino e dói na vulnerabilidade. Você não sabe qual é a causa, embora exista uma nebulosa suspeita. Ainda que tivesse a resposta desse mistério noturno, você só conseguiria fazer uma coisa: coçar.

A sensação de derrota pulsa. A irritação, no interior, em intervalos constantes de 5 segundos, envenena qualquer perspectiva de sossego que você pensou que ainda poderia ter. O prurido incomoda... incomoda... incomoda... e não passa. Você projeta seus últimos dias no teto escuro do quarto enquanto busca por motivos e se pergunta: “onde foi que eu errei? O que foi que eu fiz?”

O caminho banal entre o quarto e o banheiro se torna uma rota de peregrinação. Cada ida renova a esperança de uma salvação, um milagre que sane seu sofrimento lazearento; cada retorno, um novo atestado de que, se deus existe, ele o despreza firmemente. O sono, remédio comum aos

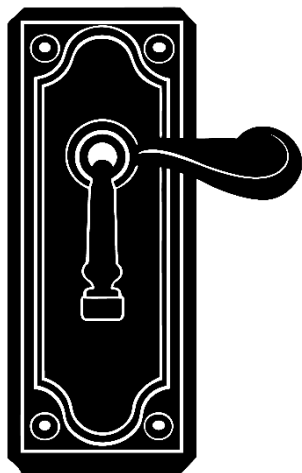
males humanos, é negado como um beijo de lábios que se aproximam, carnudos, vermelhos, quentes, úmidos e ausentes. Você se aproxima com o ímpeto de uma paixão extraída do mais romântico romantismo, tentando consumir o ato que ardentemente almeja, mas sempre a um fio de distância tais lábios permanecem.

Coçam-se as semanas. A aflição, como um ladino sádico e paciente, desaparece durante os dias, mas ataca sorrateiramente na calada das noites. Sua agressão, no entanto, é longe de ser rápida e fatal – são golpes microscópicos que ferem corpo e desregulam a alma. Transformado compulsoriamente neste ser notívago noite após noite, dia após dia você se sente menos humano. A comida já não parece tão saborosa, a leitura deixa de ser tão prazerosa, não há momento que não seja permeado por uma angústia subjacente.

Médicos são contatados e exames são feitos, mas agora é tarde demais, o tratamento deveria ter começado há muito tempo. O desassossego se expandiu de você para pessoas próximas. Diferentemente desta companheira perniciososa, elas vão embora e não voltam na noite seguinte. Agora não é apenas o sono que se ausenta, mas também, o carinho, o calor, a vontade de sair da cama – a cama que lhe nega sua função fundamental.

Constantemente em chamas, sua cólera o domina. A mente turva de vapor chega a sua conclusão final para todas as feridas: abraçar a mudança e aceitar a imolação. Assim, com um sopro, a coceira se desfaz em uma densa né-

voa cálida. Assim, com um beijo, o repouso te conforta indefinidamente.



Caia, levante e tente outra vez

Keyth C. Martins (Keyth Martins)

Na intrincada e fascinante jornada da vida, as quedas nunca foram meros desvios acidentais do trajeto; elas são, em sua essência mais profunda, o próprio caminho que nos molda, lapida e transforma por dentro. Quando nos deparamos com o fracasso ou com a frustração, é perfeitamente natural sentir o peso do desânimo e a vontade passageira de parar. Contudo, cair é a prova irrefutável de que estamos nos arriscando, saindo da nossa zona de conforto e nos movendo corajosamente em direção a algo muito maior. Cada revés carrega consigo uma lição silenciosa, uma oportunidade ímpar de reavaliar a rota, afinar a estratégia e endurecer a casca da nossa determinação.

O chão nunca será o nosso destino, mas apenas uma pausa forçada pelo cansaço do esforço. É preciso levantar-se com altivez, mesmo quando a mente duvida, encarando os obstáculos com a certeza íntima de que a resiliência humana é infinita e surpreendente. Afinal, não há vitória

legítima sem o suor do trabalho duro, nem conquista genuína sem o risco constante da tentativa e da ousadia criativa em cada passo dado com convicção e alma.

Portanto, é preciso tentar outra vez, convertendo o erro em sabedoria acumulada e a barreira intransponível em forte impulso para o futuro. O sucesso que tanto admiramos nos outros raramente pertence àqueles que tiveram caminhos totalmente planos e livres de espinhos, mas sim aos que colecionaram cicatrizes com orgulho, sacudiram a poeira e continuaram caminhando com firmeza quando todos os outros teriam desistido. Faça as pazes com o seu próprio ritmo, sem nunca gastar sua energia preciosa se comparando às vitórias aparentes alheias; cada ser humano navega por tempestades invisíveis que o mundo jamais chega a conhecer profundamente.

Valorize cada micro progresso, lembrando que os vastos oceanos são formados pela união paciente de incontáveis e insignificantes gotas, e que o sucesso é construído no silêncio da rotina diária. Deixe que os seus sonhos mais puros sirvam de bússola e combustível, encontre alegria genuína no trajeto, celebre cada pequena vitória e nunca perca de vista a luz acesa no horizonte. No fim, o que definirá a sua grandiosa trajetória não será o número de vezes que você beijou o chão, mas a coragem inabalável de olhar para cima, esticar os braços e reerguer-se para mais uma nova tentativa. Acredite profundamente na sua voz interior, pois os obstáculos continuarão existindo, mas a sua capacidade inata de superá-los jamais terá limites para quem nunca para.



*Antologia de contos sobre passagens e limiares:
partidas, retornos, mudanças de vida, fins e começos
de ciclo — tudo o que se atravessa, real ou simbolicamente,
ao abrir ou fechar uma porta.*



*Nove vozes em prosa, reunidas pela
ARA Editora em agosto de 2026.*

